Dia 28 — São Germano, Bispo e Confessor

São Germano, homem de eminente santidade, varão de singular mérito, em quem fez Deus resplandecer o dom de milagres, segundo o certifica o bispo Fortunato, nasceu na Borgonha, no território de Autun, por volta do ano de 469 [^1]. Seu pai Eleutério e sua mãe Eusébia eram de uma família distinguida no país; mas, ou porque se achavam muito escassos em bens de fortuna, ou porque lhes era muito gravoso o excessivo número de seus filhos, a mãe fez quantas diligências pôde para que este se malograsse antes de sair de suas entranhas. Não o conseguiu, porque o tomou Deus sob sua proteção, conservando-lhe a vida apesar dos esforços de sua mãe, e depois que saiu à luz continuou-lhe a mesma proteção contra outros muitos perigos.

Passados alguns anos em casa de seus pais com uma educação bastantemente descuidada, enviaram-no a estudar na vila de Avallon em companhia de um primo seu da mesma idade, que se chamava Estratídio. Parece que todos conspiravam contra a vida de nosso santo. A mãe de Estratídio, já fosse por alguma mania, já por ciúmes ou por algum motivo de interesse, resolveu dar veneno a seu sobrinho Germano e com este depravado intento dispôs duas ampolinhas, uma de vinho ordinário e outra preparada com não sei que confecção venenosa, para o desjejum de seu filho e de seu sobrinho; mas a divina Providência, que velava sobre a conservação de nosso santo, dispôs que se equivocasse a criada e desse a Germano o vinho são e a Estratídio o envenenado, o qual lhe houve de custar ali mesmo a vida, mas saiu do perigo à custa de uma asquerosa lepra.

Conhecendo Germano que nem em casa de seu pai nem em casa de sua tia era bem admitido, retirou-se a Luzy para viver em companhia de seu parente São Escopílio, cujos exemplos, cuidados e desvelos por sua educação o compensaram com usura dos maus-tratos que havia experimentado nas duas casas precedentes.

O belo natural de Germano, sua inclinação à virtude e seu bom entendimento supriram com vantagens a negligência e o descuido que se tivera em criá-lo e em instruí-lo. Foi para ele a casa de Escopílio uma excelente escola de que soube aproveitar-se bem; viviam ambos como dois religiosos em contínuos exercícios de devoção, excitando-se reciprocamente à virtude com suas santas conversações e com seus exemplos. Ainda que a casa estava distante da igreja cerca de meia légua, assistiam com pontualidade aos divinos ofícios, sem que as águas, as neves nem as demais inclemências do tempo lhes estorvassem esta assistência em nenhuma estação do ano; o restante do dia o dedicavam à oração e à leitura de livros espirituais. Quinze anos passou Germano nesta santa solidão, empregando só em Deus os dias e as noites.

Informado Santo Agripino, bispo de Autun, da eminente virtude e do mérito singular do santo mancebo, resolveu fazê-lo entrar no estado eclesiástico. Todo o embaraço que encontrou foi o de

sua profunda humildade; mas por mais evasivas que discorreu viu-se precisado a obedecer. Conferiu-lhe o santo bispo as sagradas ordens e três anos depois o fez presbítero. Morto Agripino, seu sucessor, São Nectário, que o conheceu muito cedo, nomeou-o abade do mosteiro de São Sinforiano nos arrabaldes de Autun.

Governou o novo abade aquele mosteiro com tanto zelo, com tanta prudência e com tanta suavidade que muito logo se reconheceu quanto pode a virtude quando os empregos lhe dão ocasião de manifestar-se. As primeiras lições que deu aos monges foram as do bom exemplo, e todas foram lições eficazes. Renovou-se a observância e o fervor; à reputação do abade seguiu-se a da abadia; só se falava da regularidade do mosteiro e da santidade do que o governava. Verdade é que a vida exemplar de nosso santo, suas penitências, sua virtude e suas esmolas o fizeram célebre em todo o reino; de todas as partes concorriam por ver e por venerar o santo abade, e desde então lhe concedeu Deus o dom de profecia e o de milagres.

Não podendo sofrer sua grande caridade que se despedisse nenhum pobre sem esmola, depois que um dia havia dado tudo, fez distribuir o pão que se havia reservado para o mosteiro. Não agradou a seus monges este excesso de caridade, e chegaram aos ouvidos do santo suas queixas e suas murmurações. Acudiu à oração e, apenas se retirou à cela para desafogar seu coração na presença de Deus, uma virtuosa senhora enviou duas cargas de pão, e no dia seguinte chegaram dois carros carregados com todo gênero de provisões para o mosteiro.

Fechou esta maravilha a boca às murmurações, mas não o livrou da perseguição; porque uma virtude tão sobressalente não podia deixar de ser exercitada. Mal informado o bispo, em virtude de alguma calúnia ou entrando talvez em alguns ciúmes por sua muita reputação, mandou prendê-lo e o meteu no cárcere eclesiástico; mas apenas o haviam encerrado abriram-se por si mesmas as portas da prisão. Não quis sair dela sem beneplácito do bispo, que converteu os ciúmes em respeito e veneração. Aumentou sua estimação um acidente que sobreveio e remediou prontamente o santo abade. Pegou fogo ao palheiro, que então estava atestado de feno, e as chamas iam já reduzir a cinzas todo o mosteiro; lançou nelas o santo abade algumas gotas de água benta, e ao ponto se apagaram. Este milagre e outros muitos que obrava o Senhor todos os dias pela intercessão de seu servo o fizeram tão famoso em todo o reino que, tendo morrido no ano 554 Eusébio, bispo de Paris, foi nosso São Germano eleito em seu lugar; e por mais razões que alegou para não admitir esta dignidade, o rei Childeberto quis absolutamente que a aceitasse e sem dilação foi consagrado. Nomeou-o o rei seu esmoler-mor e o honrou com toda a sua confiança.

Nenhuma mudança fizeram em seu porte todas estas dignidades. O mesmo foi quando bispo que quando abade; igualmente mortificado em sua pessoa, igualmente austero em sua conduta, tão humilde, tão caritativo e tão pobre como antes; sua mesa não somente era frugal, mas tão parca que mais que comida parecia abstinência e jejum. Dedicava os dias ao governo de sua igreja e ao cuidado de seu rebanho e passava as noites em oração, e muitas vezes ao pé dos altares. Seu modo de viver em tudo o mais era austerísimo. Jamais se aproximava da lareira no maior vigor de invernos friíssimos; sendo uma de suas ordinárias mortificações tolerar todas as incomodidades das estações sem solicitar o menor alívio. Ainda que o rei o honrava com toda a sua confiança e esta o precisava a ter muita parte no manejo dos negócios do estado, em meio disso era todo de seu povo; visitava-o, instruía-o, consolava-o com suas palavras e com suas esmolas, porque crescia

nele a caridade à medida que se aumentavam as rendas. Entregou-lhe um dia o rei uma bolsinha de dinheiro para que a repartisse entre os pobres; distribuiu o santo uma grande quantidade entre todos os que encontrou e reservou a metade para repartir no dia seguinte. Obrigou-o o generoso príncipe a que desse tudo, dizendo-lhe que em seu real tesouro encontraria sempre pronto um fundo inesgotável para socorrer quantas necessidades quisesse. Não tardou o Senhor em recompensar a piedosa liberalidade do monarca, manifestando ao mesmo tempo mais e mais a santidade de Germano. A cura milagrosa do rei Childeberto foi uma prova ilustre dela, e o mesmo príncipe deixou à posteridade o mais autêntico testemunho deste prodígio, não menos que de seu reconhecimento e de sua caritativa liberalidade, nas patentes que expediu e foram do teor seguinte:

«Nosso pai e senhor Germano, bispo de Paris, homem apostólico, nos ensinou em seus sermões que, enquanto estamos nesta vida, devemos pensar continuamente na do outro mundo. Entre outras coisas nos recomendou muito o cuidado das igrejas e dos lugares sagrados e o fazer muitas esmolas, do que ele mesmo nos dá exemplo. Tendo sabido este prelado que Nós estávamos enfermo no castelo de Celles, perto de Melun, e que não nos haviam aproveitado os remédios dos médicos nem as demais diligências humanas que fizemos para recobrar a saúde, veio visitar-nos e passou toda a noite em oração, suplicando ao Senhor que no-la concedesse. Pela manhã pôs sobre Nós suas santas mãos, e apenas nos tocou quando nos achamos perfeitamente bom. Em reconhecimento de um favor tão singular que Deus nos fez por meio de seu servo, fazemos doação à igreja de Paris e ao bispo Germano que a governa da terra de Celles, onde recobramos a saúde, e está situada no território de Melun, naquela parte onde se junta o rio Yonne com o rio Sena.»

Sobreviveu pouco o rei a esta doação. Quando voltou este príncipe da expedição da Espanha, havia feito edificar a igreja de São Vicente, que hoje é de São Germano, elegendo nela sua sepultura; depois havia agregado a ela outros edifícios para formar um grande mosteiro sob a disposição e governo de São Germano. O santo o encheu logo de monges e nomeou por primeiro abade a São Doctroveu ou Doroteu, seu discípulo; e este foi o princípio daquela célebre abadia que tem contado tantos, tão ilustres e tão santos abades, distinguidos pela púrpura, por sua sabedoria e por sua virtude.

Não se entregou tanto São Germano ao cuidado dos monges que não se dedicasse também à direção do clero e a formar dignos ministros da Igreja. Estendeu-se tanto a fama de seu bem regulado seminário que concorriam a ele muitos de países estrangeiros para imbuir-se no espírito eclesiástico; e em pouco tempo saíram de tão insigne escola muitos varões apostólicos que introduziram em todas as partes o fervor e a reforma.

Clotário, sucessor de Childeberto, não honrou nem estimou menos a São Germano que o havia feito seu predecessor; mas o zelo e a tenacidade em defender a religião puseram o santo bispo na dolorosa precisão de negar os sacramentos a Cariberto, rei de Paris, filho de Clotário, que, tendo repudiado Ingoberga, se havia casado com Merofleda e, morta esta, se desposou publicamente com sua irmã Marcovefa, que era religiosa, não obstante que antes desta havia tomado já outra mulher. Praticou São Germano quantas diligências pôde para cortar este escândalo, mas todas sem fruto; pelo que se creu obrigado a excomungar o rei, não menos que a Marcovefa, causa principal de toda a desordem. Pouco tempo depois morreram arrebatadamente um e outro,

vingando o céu o desprezo que fizeram das censuras da Igreja. A estas turbulências seguiram-se as que causaram em Paris os ciúmes e a ambição de Sigeberto e de Quilperico, nas quais necessitou nosso santo de todo o seu valor, de toda a sua virtude e de toda a sua prudência.

Achava-se o corpo de Germano muito extenuado pelos rigores de sua contínua penitência, sem que por isso afrouxasse um ponto de sua mortificação e austeridade. O grave peso de seus muitos anos não era bastante para que deixasse de trabalhar incessantemente na conversão dos pecadores, até que, cheio de dias e de merecimentos, chamou-o Deus deste mundo para coroá-lo no céu, e morreu no dia 28 de maio, à idade de mais de oitenta anos, no de 576. Seu santo corpo foi enterrado na capela de São Sinforiano, que ele mesmo havia mandado construir mais abaixo da igreja de São Vicente; e logo confirmou o Senhor com novos milagres o justo conceito que todos haviam formado da santidade de seu servo. Lanfrido, abade de São Vicente, trasladou o corpo à mesma igreja de São Vicente, com assistência do rei Pepino e de Carlos seu filho, que foram testemunhas de muitas maravilhas. Quando os normandos entraram na França, tiraram-se estas santas relíquias para livrá-las de seu furor. A trasladação destas relíquias à nova igreja do mosteiro fez que tomasse este o nome de São Germano em lugar do de São Vicente que antes tinha. O primeiro que enriqueceu o sepulcro de nosso santo com ouro, prata e pedras preciosas foi Santo Elói, depois bispo de Noyon; e Guilherme, bispo, abade de São Germano, colocou-o no ano de 1408 numa urna de prata muito rica, e é a mesma em que hoje se venera.

Martirológio Romano

Na Sardenha, os santos mártires Emílio, Félix, Priamo e Luciano, que, combatendo por Jesus Cristo, mereceram ser coroados.

Em Chartres, São Querão, que recebeu a honra do martírio, tendo sido decapitado no tempo do imperador Domiciano.

Em Corinto, Santa Helcônida, mártir, a qual, no tempo do imperador Gordiano e do presidente Perênio, sofreu primeiramente multiplicados tormentos; Justino, sucessor de Perênio, aplicou-a de novo à tortura, da qual a livrou um anjo; depois lhe cortaram os peitos, expuseram-na às feras e provaram-na pelo fogo; por último, tendo-lhe cortado a cabeça, consumou seu martírio.

No mesmo dia, os santos Crescente, Dioscórides, Paulo e Heládio, mártires.

Em Tecoa, na Palestina, muitos santos monges que no tempo de Teodósio, o Moço, foram degolados pelos sarracenos: os habitantes daquele lugar recolheram cuidadosamente suas santas relíquias e as conservaram com grande veneração.

Em Paris, São Germano, bispo e confessor, cuja eminente santidade, grande mérito e brilhantes milagres transmitiu à posteridade o bispo Fortunato no livro que escreveu de sua vida.

Em Milão, São Senador, bispo, esclarecido em virtude e doutrina.

Em Urgel, na Espanha, São Justo, bispo. Em Florença, São Pódio, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Germani, confessoris tui atque pontificis solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum.*

Português: Rogamo-vos, Senhor, que ouçais benigno a súplica que vos fazemos na solene festa de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Germano e que nos livreis de todos os nossos pecados pelos méritos daquele que vos serviu com tanta fidelidade. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Hebreus, capítulo 5.

Hebreus 5,1-4

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2] o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão.

Nota

«Estando São Paulo em Roma, teve notícia da morte de Tiago e do furor com que os judeus perseguiam os da mesma religião que se convertiam à fé. Com este motivo lhes escreveu esta carta, em que não pôs seu nome, ou porque só se chamava Apóstolo dos gentios, ou porque a considerava mais como livro que como carta, pois escusa sua brevidade. *Etenim perpaucis scripsi vobis.* Com efeito, é breve para livro e longa para carta.»

Reflexões

Qui condolere possit iis, qui ignorant et errant: quoniam et ipse circumdatus est infirmitate. De sorte que seja capaz de compadecer-se dos ignorantes e errados, posto que também ele mesmo está rodeado de miséria e de fraqueza. Que instrução tão cheia de prudência! Quão cumulada está de consolo! Como resplandece nela o espírito de Jesus Cristo! Se os pontífices e ministros do Senhor, estabelecidos em sua Igreja para reconciliar os pecadores, fossem alguns anjos ou inteligências superiores isentas de nossas fraquezas; se fossem alguns homens de diferente massa, privilegiados e livres de nossas misérias, nenhuma consideração moderaria sua indignação nem temperaria seu zelo à vista de tantos pecados. Como filhos do trovão pediriam ao céu raios que reduzissem a cinzas os pecadores; mas causaria muita alegria ao mesmo céu esta severidade? Converteria muitos pecadores? Abriria o caminho à piedade para que triunfasse a misericórdia? *Vivo eu,* diz o Senhor, *que não quero a morte do pecador, mas que se converta, que se emende e que viva* [^2]. *Ide e aprendei o que significa: Quero a misericórdia, e não o sacrifício,* diz o Salvador [^3]; e acrescenta: *Não vim chamar os justos, mas os pecadores.* Eram, pois, mister uns ministros de paz e de reconciliação, cheios de compaixão e de brandura. A imoderada, a desmedida severidade irrita o ânimo e desespera. Elegeu o Filho de Deus a São Pedro por cabeça de sua Igreja; mas quando? Depois que pela triste experiência de sua própria fraqueza aprendeu a compadecer-se das alheias: *Voltando sobre ti, confirma teus irmãos* [^4]. Para converter os pecadores é mister uma suavidade prudente, uma compaixão terna; é preciso que tenha presente o que os quer converter que ele também é pecador. O zelo áspero, duro e amargo nunca foi do gosto de Jesus Cristo; é o caráter próprio da heresia; todos os hereges têm gritado sempre contra a demasiada indulgência da Igreja. A dureza e a amargura sempre são efeito do espírito de partido; o espírito de Jesus Cristo, o zelo verdadeiramente cristão, excita a aborrecer o pecado e a compadecer-se do pecador; mas o mau espírito confunde o pecador com o pecado. *O que de vós estiver sem pecado,* diz o Salvador, *lance a primeira pedra contra esta pobre adúltera.* Ao zelo amargo não o anima a glória de Deus, anima-o a paixão, anima-o o orgulho; este é o verdadeiro móvel do zelo impetuoso; esta é a origem de toda esta torrente de amargura. Reserve-nos a dureza e a severidade para nós mesmos, e o zelo será sempre puro e louvável; mas acompanhe sempre nosso zelo pelo próximo uma suavidade prudente e discreta. Nenhuma coisa descobre mais o espírito de Deus que esta cristã doçura: *Aprendei de mim,* diz o Senhor, *que sou manso e humilde de coração.* É certo que uma brandura excessiva, covarde e demasiadamente indulgente

costuma ser princípio de uma perniciosíssima relaxação; mas um rigor imoderado e descomedido será porventura menos prejudicial?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12, e o mesmo que o do dia 12 [^5].

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Da perda do tempo

Primeiro ponto

Considera que nesta vida não há perda mais irreparável nem de maiores consequências que a perda do tempo. Perdeste uma hora, perdeste um dia? Não admite reparo; para sempre o perdeste. As demais perdas podem ser reparadas. Se se perdeu a saúde, pode recobrar-se; um

roubo, um incêndio, um naufrágio não são perdas sem remédio; os negócios mais desesperados deixam sempre alguma fresta à esperança. A perda de uma batalha, a de um pleito, a de toda a fazenda, a da mesma honra não é perda sem remédio. O mundo tem altos e baixos; a que se chama fortuna volta a levantar os mesmos que precipitou; e enfim, quando faltem os meios naturais, há recurso à esperança dos milagres; pode Deus fazer o que não podem os homens. Só na perda do tempo está inteiramente fechada a porta a todo recurso e remédio: não pode Deus fazer que o dia de hoje não tenha passado nem que tão belos anos empregados em diversões e em passatempos não se tenham perdido. Pode alongar-te a vida tudo o que for de seu agrado; mas não pode fazer que voltem os dias que se perderam. Poderás tu empregar melhor os que te restam de vida; mas não poderás reparar os que perdeste. Compreende bem, se podes, a grandeza, a enormidade e as consequências desta perda.

Com esses dias mal empregados, quantas graças perdidas, que talvez estavam destinadas, preparadas e reservadas para eles! Talvez dependeriam desses dias malogrados a graça de nossa conversão, a da vocação, a da perseverança. O sol estava então no zênite; agora vai declinando para o ocaso. Se nos restava muito caminho que andar, ainda tínhamos muito dia; agora vai já baixando o sol e ainda nos falta muito que andar; e talvez essa luz, sem a qual não se sabe aonde se vai, está para apagar-se. Mal há já tempo para pôr-nos a caminho; temos dormido muito, levantamo-nos muito tarde. Aproxima-se a noite, e não é ocasião de acudir à tenda para fazer provisão de azeite; talvez virá o esposo enquanto formos comprá-lo. Aqueles belos dias de uma florida juventude; aqueles brilhantes anos de uma idade robusta e vigorosa; aquela formosa estação da vida que lastimosamente se malogrou numa branda e delicada ociosidade; todo esse tempo tão precioso unicamente se nos concedeu para fazer nossa jornada. Detiveram-nos no caminho as diversões, os prazeres, os regalos e as perniciosas companhias. Ao dar a volta a idade, quando já se aproximam as sombras da noite, ao tempo em que os dias são mais curtos e esses cortados com os achaques e as enfermidades, então se conhece que nos temos detido demasiado no caminho, quase quando era já tempo de descansar ditosamente no termo. Homens do mundo, mulheres do século, jovens estouvados, que perdeis miseravelmente os mais formosos dias de vossa vida, aplicai a vós mesmos estas alegorias; compreendei e meditai bem este metafórico discurso.

Segundo ponto

Considera o que é uma perda da maior importância quando é irreparável: pois tal é a perda do tempo. Com tudo isso, esta grande perda se faz com o maior gosto, divertindo-se, rindo; que digo? Ter-se-ia por desgraça o não fazê-lo.

Mas são cristãos os que procedem desta maneira? São racionais? Não padecem algum arroubo de loucura? Há frenesi mais lastimoso? Há outro que seja seguido de mais cruel, mas mais inútil arrependimento?

Todo o tempo que se passou no jogo, em vãos entretenimentos, nos espetáculos, quando não os enalteceu ao menos um motivo justo e racional, é tempo lastimosamente perdido. Todo esse tempo que se gastou em compor-se, em adornar-se, em refinar sobre a mesma profanidade, em

seguir escrupulosamente uma moda, filha da vaidade ou do capricho, é tempo perdido. Todo o tempo que se empregou na demasiada delicadeza, em melindres excessivos, no requintado regalo, na ociosidade e na vadiagem, é tempo perdido. Todo o tempo que se ocupou em negócios, em pretensões que não tiveram outro móvel que o da ambição e da cobiça, é tempo perdido. Todo o tempo malogrado e consumido em inutilidades especiosas, em frusleiras, em bagatelas, em uns nadas que parecem algo, todo esse tempo é tempo perdido, tudo será estreitamente reclamado por aquele soberano Senhor que somente no-lo concedeu para que negociássemos com ele em ordem à vida eterna. Ó Deus, que perda! Ó Deus, que conta tão estreita! Ó Deus, que eterno pranto!

Perde-se este precioso tempo e perde-se sem dor; antes bem não poucas vezes a única pena que se tem é não saber em que se há de perder. A gente nobre, essas pessoas tão distinguidas por suas cabedalosas rendas, por seu nascimento, por sua classe, por seus empregos, por sua dignidade, essas são as que por comum empregam pior o tempo. Mas na última enfermidade, isto é, quando o tempo vai expirar, quando se assoma a eternidade, quando mal há já tempo, então se acode aos ministros do Senhor, recorre-se aos expedientes. Em breves instantes, e esses pouco livres, pouco despejados, nos quais mal se sabe o que se faz, quer-se fazer aquele grande, aquele espinhoso negócio para o qual nos concedeu Deus toda a vida. Diga-se a verdade: haverá muito que confiar em todas aquelas devoções forçadas que parecem já tão fora de tempo, em todos aqueles exteriores arrependimentos, em todas aquelas reflexões que têm tardado tanto em chegar? Todas podem ser eficazes e sinceras, não o nego; algumas o serão também, igualmente o confesso; mas quantas o serão? Concedeu-se-nos toda a vida para trabalhar no negócio de nossa salvação; não há idade, não há tempo, não há condição, não há emprego que nos dispense desta obrigação; este é o único negócio grande de toda a nossa vida. Que dirão, que pensarão desta verdade naquela postrera hora todos aqueles que ao presente não pensam nela?

Meu Deus, conheço que é irreparável a perda que tenho feito; mas, já que por vossa misericórdia me concedeis ainda alguns dias de vida, resolvido estou, com vossa divina graça, a não malograr nem um só instante de tempo.

Jaculatórias

> *Ergo dum tempus habemus, operemur bonum.* Gl 6.

Pois temos tempo, aproveitemo-lo bem.

> *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas in omni tempore.* Sl 118.

Desejou minha alma guardar vossos santos mandamentos por todos os dias de minha vida.

Propósitos

1. O tempo é precioso, é curto e a perda do tempo é irreparável. Poder-se-á convir nestas três proposições e poder-se-á perder o tempo?

Contudo este tempo se perde cada dia, e a rapidez com que voa não é bastante para corrigir a ânsia que temos de vê-lo voar. Põe-te hoje a contar teus anos, ajusta o número de teus dias e dize-me: quantos tens perdido e quantos não tens deixado perder? Esta perda é de consequência; porque afinal contados estão todos os dias de nossa vida e não há nem sequer um de que não se nos haja de pedir estreita conta. A perda é irreparável; porque como se repararão quinze ou vinte mil dias perdidos e malogrados? Não há outro recurso que à misericórdia de Deus e ao bom uso dos que te restam. Não percas um só instante e põe em prática os conselhos seguintes:

2. Todos os dias pela manhã e pela noite, e no sacrifício da missa, pede perdão a Deus com vivo e sincero pesar do tempo que tens perdido. Não tomes descanso, diversão nem recreio algum que não procures santificar por algum motivo, não só justo, mas santo, esforçando-te a santificá-lo também até no mesmo exercício. Determina algum número de atos de amor de Deus que hajas de fazer durante o tempo de recreio e até na mesma comida. Cada semana dedica à oração ou a algumas outras boas obras uma ou meia hora daquele mesmo tempo que tens destinado para descansar ou para recrear-te. Escolhe um dia cada ano que hás de empregar todo inteiro em remir o tempo, como se explica o Apóstolo; isto é, em oração, em penitência, em boas obras, fazendo esmolas mais cabedalosas e não perdendo nem um só instante daquele dia. O mais a propósito para este importante exercício é o dia em que cumpres anos. Não deixes de acusar-te em todas as confissões do tempo que tens perdido, porque é falta muito grave.

[^1]: O texto traz «469»; como o santo morreu em 576 «com mais de oitenta anos», o nascimento deve ser por volta de 496 (data geralmente aceita). Possível erro de transposição de algarismos no original ou no OCR. [^2]: Ez 33,11. A chamada «(1)» consta do original; o texto da nota («Ezech. 33.») aparece deslocado, no meio da frase seguinte. [^3]: Mt 9,13 («Matth. 9» no original). [^4]: Lc 22,32. A chamada «(1)» (nova numeração) consta do original; o texto da nota («Luc. 22») aparece deslocado, depois do Evangelho. [^5]: O original diz «cap. 12 de São João, e o mesmo que o do dia 12, pág. 301». No dia 12 o segundo evangelho (de São Domingos da Calçada, confessor) é de Lc 12; os dias 24 e 26 remetem à pág. 307 para o mesmo Lc 12. Adotou-se, portanto, Lc 12,35-40, supondo «São João» erro do texto (ou do OCR) por «São Lucas». Convém conferir com o PDF.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:40 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:40 by Admin